

## Universidades MAC ou PC?

Fernando Bagulho

Arquitecto, Professor Auxiliar Convidado da F.A.U.T.L.  
fsb@atelierchiado.pt

Interrogo-me sobre o papel da Universidade na Sociedade.

Será um arquivo da memória para transmissão de conhecimento acumulado, que defino como lugar MAC (Memória Acumulada de Conhecimento), ou um lugar privilegiado de produção de conhecimento, uma estrutura (ou superestrutura) que defino como lugar PC (Produção de Conhecimento).

Não tenho dúvidas de que uma Universidade ou é um lugar PC ou não preenche o espaço da sua função. Poderá ser um grande banco de dados, quiçá de grande qualidade e utilidade, mas nunca uma Universidade.

Ao abordar a disciplina de "Arquitectura" e a sua aprendizagem, enfrento um paradoxo, sem solução à vista, que passo a enunciar:

1. Entendo a Arquitectura como um fenómeno dependente do acto de fazer e de construir, tanto quanto a cirurgia depende da dissecação de cadáveres e da prática cirúrgica para produzir conhecimento, como o prova o salto operado nesta ciência ao introduzir o acto experimental (que caracteriza e define a ciência moderna) na investigação e práticas cirúrgicas.

2. Como poderá a Universidade produzir conhecimento em Arquitectura, se esta disciplina for considerada como um campo abstracto desligado do acto de arquitectar e de edificar, ainda que carregado das suas memórias, ou seja, numa lógica MAC (memória) e não PC (produção de conhecimento).

Não creio que, para assegurar a produção de conhecimento na Universidade, baste permitir aos docentes da área do projecto o exercício profissional em acumulação com a actividade académica, porque não é disto que se trata, mas do contrário, ou seja, como produzir conhecimento na Universidade em áreas "científicas" do domínio da arte e da técnica (como é o caso da Arquitectura, do Urbanismo e do Design), se a investigação recorrer apenas a conhecimento acumulado, formado apenas a partir da prática profissional.

Faço notar também que, na maior parte dos casos que conheço, o recurso à Universidade para prestação de serviços, não introduz novas oportunidades de investigação sobre o real em temas sobre os quais se possa produzir conhecimento, correspondendo apenas ao puro exercício da prática profissional produzido em

meio académico, suportado pela experiência profissional assegurada pela docência e pela mão de obra de baixo custo disponibilizada pela discência.

Não sei se será razoável avaliar políticas territoriais urbanas em tabuleiro virtual como num jogo estratégico, ensaiando opções para base de decisão dos eleitos, a partir do melhor conhecimento das consequências previsíveis que as decisões podem acarretar, mas também estou certo de que o modelo de discussão pública que antecede a tomada de decisões sobre políticas urbanas e territoriais não apresenta, de modo algum, resultados satisfatórios.

Atingiu-se uma forma apurada de irrealismo (ou surrealismo), em que uma grosseira teia de interesses (e desinteresses) se movimenta, sem que nada tenha a ver com poder democrático ou sustentação de decisões dos eleitos pelas estruturas técnicas e ideológicas da sociedade, expressas quer pelas elites, quer pelos organismos científicos com proximidade às áreas em avaliação, quer pelas populações envolvidas, no acto da consulta pública.

Desta disfunção, que teima em persistir, têm resultado consequências graves para desenvolvimento económico e social da sociedade portuguesa.

Tomemos como exemplo o investimento do Alqueva, discutido durante as décadas que mediaram entre o projecto e a obra (inacabada). Que modelos alternativos de desenvolvimento foram estudados nas universidades a partir do potencial de oportunidades criado pelo investimento, que servisse para sustentação do debate científico e do debate público, criando massa crítica para base das mais justas e avisadas decisões por parte dos eleitos?

Assistimos a um coro anacrónico de efémeras guerrilhas entre argumentos do pró e do contra, uns apresentando provas científicas de que passariam dezassete anos antes de se atingir a cota do descarregador de superfície, o que aliás já aconteceu, mas ficaram por avaliar modelos sobre as consequências que as previsíveis mudanças climáticas no planeta, poderão trazer para a barragem.

Sobrevoando o perímetro da albufeira, observamos uma assimetria entre a margem esquerda, de Espanha, ocupada com culturas intensivas de regadio e a margem direita, de Portugal, país que assumiu o ónus do investimento, onde se pode ler um território adiado e à espera de decisões, pontuado, aqui e ali, com formas de ocupação e aproveitamento dispersas e desgarradas.

Quanto custa a manutenção deste sistema, que benefícios conterà em si próprio que nos leve a mantê-lo para além dos prejuízos evidentes que causa e porque razão se manterá apesar da avaliação negativa que dele fazemos.

Penso que a responsabilidade da Universidade é endógena, ou seja, ela própria deverá assumir o seu papel na sociedade, produzindo investigação e conhecimento, garantindo meios adequados de divulgação dessa produção.

Neste ponto, não é aceitável que toda a produção de conhecimento fique limitada à forma do texto impresso, que atinge um universo tão mais limitado de interlocutores, quanto mais especializada for a investigação.

A Universidade terá que encontrar o modo de chegar a todos, tal como o Teatro o conseguiu na Grécia antiga e em Roma, superando o casulo original da biblioteca conventual, que esteve na génese das universidades europeias.

Um salutar regresso à oralidade (base da nossa cultura helénica), suportado nas novas tecnologias e meios de comunicação de massas, associando Internet e televisão, ajudaria sem dúvida a universidade a cumprir a missão de criar massa crítica produzindo conhecimento, mantendo o suporte escrito, preservado em bibliotecas, como a estrutura base dos tempos "memoriais".

Estas questões, quanto a mim, são endógenas da Universidade e são seminais na definição do seu posicionamento estratégico na sociedade, mas são também questões sobre as quais as sociedades modernas têm que reflectir e tomar decisões quanto ao futuro, que é o seu, que tem a ver com o seu próprio desenvolvimento, com o seu crescimento e bem estar.

O tempo urge para que se procurem e sejam encontradas soluções para os problemas que implicam o reposicionamento estratégico da Universidade na sociedade portuguesa. A produção de conhecimento na área do projecto, em Arquitectura, que foi o ponto de partida para este comentário, pode ser uma oportunidade, uma espécie de pontapé de saída, para arrancar um ciclo de reflexão sobre investigação e produção de conhecimento em áreas tão relevantes para o Homem, como as do seu próprio habitat.

Está nas nossas mãos fazer o que nos compete, ou então, simplesmente, não estaremos nós à altura das exigências que nos são colocadas pela complexa problemática das sociedades do nosso tempo.

Que se não pense que a outros cumpre definir e fazer o que a nós compete.